

Narrar a experiência e a experiência de narrar: notas sobre experiência como chave epistêmica na prática da história oral

Igor Lemos Moreira¹

Resumo

Este trabalho propõe refletir sobre a experiência como chave para compreender a prática da História Oral, especialmente em trajetórias marcadas pelo exílio. A partir da análise de entrevistas com exilados cubanos em Miami, busca-se discutir não apenas a narrativa das experiências vividas, mas também o impacto do diálogo na construção dessas narrativas e na própria pesquisa. A experiência, aqui, vai além do relato de fatos: é um processo vivo que atravessa e transforma tanto o entrevistado quanto o pesquisador. Para esse exercício de autorreflexividade, são analisadas entrevistas com Aida Levitan e Emilio Estefan, figuras centrais da comunidade cubana exilada, que revelam narrativas de pertencimento e compromisso com a memória coletiva. No contexto do exílio cubano, essa experiência ganha contornos particulares, envolvendo ruptura temporal, sensação constante de deslocamento e um esforço para preservar identidades em transformação. A escuta atenta e a construção colaborativa desses relatos reconfiguram as interpretações e ampliam a sensibilidade do pesquisador, que participa ativamente da criação de sentidos, e não apenas da coleta de dados. Nesse movimento, a História Oral revela seu potencial epistêmico renovador: ao colocar o humano no centro, expande a compreensão da história para além dos documentos, valorizando as vidas e emoções daqueles que a viveram. Por fim, este estudo destaca que a experiência vivida na prática da História Oral é um elemento fundamental, não só um discurso a ser interpretado, mas um processo que transforma a investigação e a escrita histórica. A experiência torna-se, assim, o fio condutor que une narrar e ouvir, passado e presente, sujeito e comunidade, fazendo da História Oral um campo vivo, ético e profundamente humano de pesquisa.

Palavras-chave

História Oral; Experiê

Corpo do trabalho

Em História Oral, cada entrevista é singular. Como sinaliza Alessandro Portelli (2016), o encontro entre entrevistado e pesquisador é marcado por uma experiência dialógica onde dois sujeitos/indivíduos, em suas corporalidades e oralidades, encontram-se entre olhares e vozes, algo como uma entre-vistas. A prática da História Oral é, neste aspecto, mais que uma metodologia, mas a produção de uma experiência de narrar outras experiências. Um

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Paraná. Doutor em História pela Universidade Estadual de Santa Catarina. Integrante do CUME.Lab – Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura e Memória. E-mail: igorlemoreira@gmail.com

momento/ato de encontrar-se com e junto a outro sujeito. Uma elaboração colaborativa sobre a memória urgente de um presente incomodo e provocado pelo ato do pesquisador/historiador de tensionar e pela fala instigada do entrevistado/sujeito do diálogo.

Marta Rovai (2024), sinaliza neste sentido que a História Oral não é uma prática voltada a dar “voz”, pois as oralidades, como ela nomeia, perpassam nossa sociedade, mas sim uma ação voltada a dar ouvidos/escutar. Essa perspectiva, inclusive, aproxima-se daquilo que Portelli (2016) nomeia como uma “arte e compromisso” com a escuta. O encontro permitido pela História Oral permite ao pesquisador muito mais apenas do que a análise de uma narrativa sobre a memória. Ele produz uma experiência que altera ambos os sujeitos presentes e modifica, profundamente, a pesquisa em curso mediante a abertura ao diálogo e a dialogia (Moreira, 2024a). A experiência é então encarada não somente como uma o lastro incorporado de vivências do passado que cria um espaço/repertório de orientação no tempo (Koselleck, 2006), mas enquanto processo que atravessa os envolvidos no encontro e que produz ecos que vão além, apenas, das fontes orais e da sua produção.

Como afirma Jorge Larossa (2022), a experiência pode ser compreendida como aquilo que atravessa quem somos, que nos toca e acontece, não se limitando apenas a algo que ocorre. Essa mudança no sentido envolve pensar que a experiência ocorre no contato/diálogo com o mundo e com os sujeitos, não de forma etérea ou apenas no campo da expectativa (projetar o futuro) ou do ser espectador (observar o presente). A experiência é, desta forma, um processo que envolve o corpo, o sujeito e sua vivência. Envolve perceber no diálogo e na construção, no ato de experienciar e no saber da experiência (Larossa, 2022), o centro das operações, deslocando o eixo da busca incessante pela informação e pelo dado que, vazio do sujeito e da vivência se enfraquece do seu potencial renovador e epistêmico.

A presente comunicação busca tomar a experiência como uma chave interpretativa e reflexão para a prática de História Oral e para a análise de trajetórias artísticas a partir de uma reflexão dupla: o narrar a experiência e o significa a experiência de dialogar na narrativa. Em outras palavras, busco discutir/pensar tanto a forma tanto sobre a narrativa é elaborada pela oralidade (narrar a experiência) quanto sobre como o estar em diálogo na produção da entrevista mudou sua significação (experiência de dialogar na narrativa). Para essa reflexão tomo como elemento central a experiência do exílio, encarado como experiência de desterritorialização (Said, 2003) e de ruptura temporal (Moreira, 2024b) que constitui uma latência na identidade como lócus central de reflexão.

Tomo como ponto de partida, em particular, a análise de duas entrevistas realizadas com exilados cubanos em Miami – a produtora cultural e empresária Aida Levithan e o empresário e músico Emilio Estefan – realizadas durante minha pesquisa de doutoramento como formas de explorar a relação intrínseca citada anteriormente. Ambas as entrevistas, concedidas por dois exilados que deixaram Cuba ainda no início da experiência revolucionário, envolveram tanto uma dimensão de análise sobre a experiência do exílio narrada, como foram produziram sentidos e impactos em torno do projeto que vinha elaborando, em particular no entendimento sobre a identidade da comunidade cubana exilada e como ela se elaborada narrativa e discursivamente. Trata-se, desta forma, como provoca Jablonka (2021) de um exercício de produção de um texto-pesquisa², ou seja, de uma análise que articula a problematização das fontes junto a discussão sobre a experiência de construir e/ou elaborar a operação historiográfica.

Como prática de autorreflexividade, pretende-se partir desse exercício para refletir sobre o papel e como a experiência figura como campo de análise e campo de afeto (no sentido de ser afetado e de afetar) do pesquisador em História Oral na tentativa de buscar a reflexão entorno de uma pergunta latente em minhas pesquisas mais recentes: como a experiência impacta a História Oral?

Exílio, Experiência Narrada e História Oral

O primeiro ponto sobre a experiência que pretendo elaborar refere-se ao campo já bastante mobilizado na prática da História Oral: a análise de experiências narradas. Tal campo de análises constitui um dos principais pilares e/ou frentes de atuação dos historiadores/as dedicados ao campo dedicados aos estudos das oralidades, na medida em que se voltam para pensar como determinadas vivências, fatos e experiências são construídas pelo trabalho de memória no tempo vivido (Rovai, 2024). Como indica Beatriz Sarlo (2007, p.24), a análise da narrativa elaborada pelos interlocutores de uma pesquisa envolve uma operação onde o próprio ato de narrar “inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante

² Para Ivan Jablonka (2021), a construção de um “texto-pesquisa” resulta do reconhecimento da aproximação do pesquisador com seu próprio texto e de perceber em sua operação investigativa a sua própria subjetividade. Nesse processo o reconhecimento do “eu” narrativo vai além da primeira pessoa do singular, mas envolve mobilizar a experiência do pesquisador como constitutiva da produção (investigativa e narrativa). É a partir deste formato que esse texto, em dimensão caráter experimental, buscará estruturar seu “texto-pesquisa”.

torna a se atualizar”. Nessa operação reside uma potencialidade analítica que é justamente perceber as marcas deixadas pelo tempo, assim como explorar os potenciais do espaço biográfico (Arfuch, 2010) e das lacunas do esquecimento – seja da própria memória ou do apagamento de fontes que não registram essas memórias.

Edward Said (2003) destaca a experiência do exílio como uma experiência de deslocamento que reconfigura tanto a identidade do sujeito, agora exilado, como também a sua percepção sobre o meio social no qual se insere. Apesar de não discutir propriamente a questão temporal, é notável em suas reflexões que o exílio provoca uma forma de latência ligada ao tempo da comunidade exilada marcada pela experiência de estrutura sua identificação entorno da ruptura com futuros imaginados e com o desejo, frequente, mas não necessariamente hegemônico, de retomar um passado idealizado ou repeli-lo dado o trauma do próprio deslocamento. Esse processo resulta na construção de uma forma de encarar a temporalidade, ou de uma política do tempo (Mudrovic, 2019), marcada pela contemporaneidade frequente da memória sobre o exílio e sobre a urgência em silenciar ou retrabalhar essa dimensão.

É neste ponto que, por exemplo, Yankelevich (2011), ressalta a relação íntima entre história, memória e exílio para pensar os processos contemporâneos, além de ressaltar a impossibilidade de pensar a experiência exílio fora dessa chave e sem retomar a própria dimensão do indivíduo e suas trajetórias. Em suas palavras “as próprias memórias do exílio se converteram em um espaço de reflexão. O esforço de historiar essas memórias aberto brechas por onde também transita a história do exílio” (Yankelevich, 2011, p.23). Estar exilado, nessa perspectiva, é constantemente recriar suas identificações a partir de articulações políticas, sociais, culturais e econômicas – atravessadas pelos diferentes marcadores sociais da diferença – no movimento frequente de produzir pertencimentos (Roniger, 2011) que são coletivos e territoriais, mas também ligados a uma temporalidade projetada, imaginada e experienciada (Moreira, 2024b).

O exílio cubano a partir de 1959 pode ser analisado dentro dessa hipótese como uma experiência marcadamente temporal e desterritorialização, em particular entre as comunidades fixadas na região da Flórida. Apesar de retomar ao século XIX, no contexto das guerras de independência da ilha, os exílios iniciados após a derrubada de Fulgêncio Batista configuram uma nova fase de deslocamentos, marcados pelo lastro antirrevolucionário, anticastrismo e por uma forte articulação global de oposição a ilha que culminou no apoio a tentativas de intervencionismo econômico, como os embargos, até o retorno de exilados no formato de ataque/invasão, a exemplo da Baía dos Porcos de 1961. Não pretendendo aqui historicizar a

experiência do exílio cubano desde a Revolução, é central perceber que nessas experiências iniciadas no pós-1959 a ideia de nostalgia e a sensação de uma ruína com um futuro imaginado aparece como um *ethos* narrativo entorno da idealização de um tempo *Before Castro* por parte dos exilados fixados na Flórida (Moreira, 2024b).

O exílio cubano pós-revolução figura como uma experiência marcada, desta forma, por um processo que ainda produz não somente efeitos práticos no tempo presente do ponto de vista social, cultural, político e econômico, mas cujo a produção de memórias se apresenta como elemento central de uma operação complexa, marcada por disputas e usos políticos do passado (Bustamante, 2021). Segundo Rojas (2006, p. 24), esse processo tem produzido desde seus primeiros momentos uma cultura do exílio caracterizada “em uma prática sustentada e de alguma forma, uma condição da cultura cubana desde 1959. Essa condição, manifestada de diferentes maneiras, tem motivado um sem-número de poemas, novelas, dramas, memórias, testemunhos e pesquisas acadêmicas”. Se, por um lado, essa cultura do exílio produz representações, engajamentos e mobilizações, ela própria produz e ressignifica experiências da e sobre a memória do exílio cubano, apresentando-se como um ponto central de investigação acerca dessa comunidade.

Como percebe Torres (1999), o exílio cubano (em particular entre grupos localizados na Flórida) é caracterizada pela experiência exílica e a prática de narrar, construir e (re)significar tais experiências, produzindo e retroalimentando a cultura do exílio. Deste modo, não se trata apenas de explorar e/ou retomar as memórias, mas continuar atualizando e elaborando narrativas sobre a experiência do exílio, de modo a converte-la em narrativa de pertencimento, discurso de identidade e engajamento político. Neste sentido, essa operação produz uma construção que ao narrar resulta em uma narrativa ou “discurso de identidade de um sujeito histórico que deseja afirmar-se em seu presente através de seu passado” (Rojas, 2006, p. 384). A narrativa da experiência sobre o exílio, elaborada em uma entrevista de História Oral, abre a possibilidade, deste modo, de problematizar justamente os modos como se constroem as experiências narradas e significadas que produzem e são representações das identidades cubanas no exílio.

Para refletir acerca desta hipótese e das experiências narradas citarei duas entrevistas realizadas durante o percurso de minha pesquisa de doutoramento. Ambas as entrevistas foram realizadas em língua inglesa no final de 2021, em formato remoto utilizando a plataforma *Microsoft Teams* em função da pandemia de COVID-19 e a necessidade de distanciamento social. Vale mencionar que ambas as entrevistas não tiveram como foco a trajetória de vida dos

entrevistados ou suas relações diretas com o exílio, mas buscaram mapear as suas relações com uma outra figura – a cantora cubana Gloria Estefan – de modo que a narrativa do exílio apresentou-se como uma parte inesperada das entrevistas. A análise de elementos inesperados em entrevistas de História Oral, bem como a retomada destas a partir de outros prismas e problemas, configura uma potencialidade de seu caráter dialógico e colaborativo, conforme indica Hermeto e Santhiago (2022), na medida que sua elaboração envolve múltiplas camadas de sentidos e a abertura ao inesperado e ao imprevisível tanto na realização, como na sua reflexão e análise posterior.

A primeira das entrevistas a ser aqui destacada ocorreu com Aida Levitan, cubana exilada que ainda na infância chegou aos Estados Unidos por meio da operação Pedro Pan, responsável por retirar indocumentada mais de 14 mil jovens da ilha com apoio da Igreja Católica ao longo dos anos 1960. Levitan chegou aos EUA junto com as primeiras ações da operação, ainda em 1961, tendo construído sua carreira no país entorno da sua atuação tanto no segmento cultural e das artes (além da graduação, mestrado e doutorado na área de literatura e cultura hispânica foi produtora e articuladora cultural como no empresariado bancário, liderando e coordenando diferentes instituições e/ou projetos financeiros na região de Miami.

Além destes aspectos de sua trajetória, Aida Levitan é também uma figura central de articulação entre diferentes camadas e setores sociais da comunidade cubana exilada, evocando constantemente em suas falas tanto a experiência e uma espécie de compromisso/autenticidade da comunidade cubana exilada, como também o dever de memória que sua geração possui, no tempo presente, em não permitir que as experiências do exílio iniciais caiam no esquecimento. Ao longo de nosso contato/entrevista, foi central perceber que sua visão acerca do tempo presente e da experiência do exílio envolvia algo como um “devir do exílio”, mais do que um “dever do exilado”, na medida que ao falar sobre a experiência do exílio e o papel de lideranças como Gloria Estefan para a comunidade exilada, Levitan evocava um imperativo necessário entorno da memória da experiência exílica e de seus engajamentos, ressaltando que além da oposição a Revolução era preciso lembrar sobre a própria experiência e a história dessa comunidade pois, em sua visão, nesse aspecto existiria a potencialidade e ainda a sua latência.

O segundo entrevistado que gostaria de citar neste aspecto é o empresário, músico e produtor Emilio Estefan. Diferentemente de Levitan, Emilio não se exilou inicialmente nos Estados Unidos. Em um primeiro momento, ainda na infância-juventude, a família Estefan optou por se exilar na Espanha, um outro epicentro da comunidade cubana exilada, de modo

que parte de seu crescimento até a fase adulta não esteve imerso nas articulações anticastristas de Miami, como foi o da empresária. Músico, Emilio Estefan conheceu Gloria (na época Gloria Fajardo) em meio aos circuitos musicais, quando foi convidado a auxiliar um grupo de uma igreja de Miami na preparação para uma apresentação. Do encontro, resultou uma ocasião em que Gloria foi chamada a se apresentar com a banda de Emilio, a Miami Latin Boys, durante um casamento, o que posteriormente levou ao convite para integrar como vocalista a banda e a partir dali se iniciou tanto a profissionalização da cantora, que viria a se tornar solista a partir dos anos 1990, como uma aproximação que culminou em no casamento de ambos e na união que segue até a escrita deste artigo.

A entrevista com Emilio Estefan foi, talvez, um dos principais gatilhos para pensar outros sentidos camadas de sentido nas entrevistas elaboradas durante a pesquisa. O ponto de partida foi o fato que Emilio estava muito mais interessado em tratar da importância da pesquisa que vinha desenvolvido e do compromisso que ele, na época com quase 70 anos de idade, com as gerações mais jovens. O compromisso, na verdade, voltava-se também a sua própria geração, na medida que revelava uma preocupação com a continuidade e o “legado” de sua geração, de jovens que chegaram partiram para o exílio (conhecidas como geração 1.5), ao passo que também estava voltada a pensar os espaços e vetores de memória sobre suas experiências. Por isso, por exemplo, o músico retomava frequentemente ao longo de nosso diálogo a questão do museu da comunidade latina em elaboração nos Estados Unidos como um ponto central, mesmo que as questões estivessem voltadas a cantora e sua companheira Gloria Estefan.

Distintas em muitos aspectos, as duas entrevistas se entrecruzam a partir de um desejo imperativo de ambos os entrevistados narrarem suas experiências a partir de uma memória e do dever de memória. Esse desejo reconhece no trabalho de memória e na prática da História Oral uma espécie de vetor e/ou de espaço de constituição de pertencimentos, ao passo que também busca inscrever aquela memória em panoramas mais amplos (Rovai, 2024). O desejo de falar é nestas operações construído como parte de um dar “sentido” a experiência para além da narrativa, construindo camadas e usos políticos e voltados a um futuro imaginado no qual aquele relato e/ou dialógica produzira sentidos e inscrevera o interlocutor e seus projetos no tempo e na narrativa historiográfica. Compreender isso não invalida e/ou envolve problematizar a entrevista de forma a inviabilizá-la, mas abre caminhos para repensar os sentidos e as intencionalidades dos entrevistados, bem como outras frentes possíveis de análise.

Trata-se de uma operação próxima da construção de espaços-biográficos (Arfuch, 2010), nos quais sujeito e objeto/experiência unem-se entorno de um *valor biográfico* que dê

sentido, legitimidade e potencialidade a própria narrativa. Por outro lado, como ressalta Eakin (2019), essa operação é parte da construção da própria identidade-narrativa dos indivíduos que se voltam não somente a narrar as experiências, mas também a demonstrar e construir projetos para tais identidades manifestadas pela narrativa a partir do relato das experiências. A narrativa de experiência sobre e a partir do exílio cubano, nos casos citados, são permeadas por essa operação que envolve narrar e temporalizar as próprias experiências vividas entorno do presente e da memória (Ricoeur, 2014), construindo ambos como produções voltadas a sua dimensão prática.

Ao narrarem suas experiências sobre o exílio, Aida Levitan e Emilio Estefan elaboraram reflexões que buscavam, por um lado, dialogar sobre o compromisso de sua geração (inclusive citando Gloria como representante) com um devir do exílio que perpassava o narrar a experiência, mas também a mobilizar enquanto um potencial político. Essa forma de perceber a própria experiência envolve compreendê-la como um ato em ação, uma dimensão resultante de um afeto e de um nós que é plural nas singularidades (Larossa, 2022). Nesse processo, a experiência assume um imperativo, ela torna-se um relato voltado a produzir efeitos maiores que a significação do passado no presente. Ela visa, em particular, olhar e projetar novos horizontes de expectativas (Koselleck, 2006).

Por outro lado, essa forma de narrar a experiência também busca significar o que foram os processos vividos, de modo a dar sentido a própria identidade dos sujeitos. Para eles, narrar sobre outro cubano exilado era, em paralelo, falar sobre a própria experiência do também ser exilado, em um processo de identificação com o outro por meio da narrativa (Ricoeur, 2014). Narrar o outro era parte de perceber-se como sujeito em uma comunidade, em uma experiência que marca o “nós” e que atravessa o coletivo com significados coletivos e de conexão. Relatar deste modo, em uma operação entre o consciente e o inconsciente aproxima a prática da História Oral de uma escuta que amplia vozes (Portelli, 2016), mas que é em síntese um exercício de autorreflexividade que vai do sujeito narra ao próprio entrevistador em diálogo. É nesse ponto que se abre a possibilidade de pensar a experiência da dialogia.

O diálogo, a experiência da dialogia e a oralidade

Pensar a experiência da entrevista de História Oral tem sido um tema frequente desde que em minhas pesquisas passei a dialogar com sujeitos socialmente vivos (Moreira, 2024a). O exercício de autorreflexividade decorrente do contato entre sujeitos com diferentes repertórios

e intenções com aquele encontro (Portelli, 2016), mas movimentos também por um eixo comum pode ser considerado uma potencialidade tanto pública, quanto epistêmica, narrativa e teórica para os estudos de trajetórias e biografias. Quem narra e quem escuta e dialoga são sujeitos participantes de uma dialogia, ou uma espécie de dança sem muita coreografia mas repleta de movimentos evocados na memória, que constroem sentidos únicos a partir dos quais após aquela entrevista (ou uma de várias outras) todos/as envolvidos não sairão iguais.

É neste sentido que, conforme sinaliza, que percebo e compreendo a experiência na prática de História Oral – uma vivência que altera os sentidos da investigação a partir do diálogo e da construção colaborativa com sujeitos socialmente vivos. O ponto de partida dessa questão esta em perceber um “saber da experiência”, conforme sinaliza Larossa (2022), ou seja, para além de uma construção informacional uma produção que parte da vivência em e através para construir sentidos e interpretações sobre o mundo. Trata-se não de refutar a interpretação, mas toma-la enquanto elemento humano, sensível e dotado de limitações e potencialidades, como sinaliza Sontag (2022). Nessa operação, é central pensar o sujeito e o “eu” em meio ao “nós”, ou, em outras palavras, pensar afinal do que ocorre na entrevista de História Oral e como ela altera os sentidos e como nos constituímos enquanto pesquisadores no ato contínuo da investigação (Jablonka, 2024).

Para Carla Porto (2021), a abertura ao sensível, ao afeto e a escuta sensível leva a História Oral a repensar suas práticas, ao passo que desloca o eixo do pesquisador, ainda bastante centrado no imaginário coletivo nos padrões cientificistas do século XIX. Neste sentido, as autoras chamam a atenção da História Oral como experiência de pesquisa, mas também de vivência e de reflexão epistêmica, em um reconhecimento que sua metodologia decorre da articulação intrínseca entre teoria e prática. A partir do momento em que assumimos que a entrevista é um encontro dialógico é impossível renunciar a nossa subjetividade e os impactos que cada interlocução provoca. É necessário, desta forma, recobramos a diferença entre objetividade e criticidade, assim como perceber a potencialidade de assumir nossa experiência dialógica na prática de pesquisa, como defende Jablonka (2021).

As entrevistas citadas anteriormente ecoam tal percepção. Para além da análise sobre a forma como relataram a sua experiência do exílio, decorrente dos diálogos voltados a uma investigação sobre Gloria Estefan, o encontro com Aida Levitan e Emilio Estefan influenciou diretamente na forma como eu passei a observar, compreender e escutar a comunidade cubana exilada. Entre leituras bibliográficas e análises de documentos não-dialogados, foi inevitável construir uma visão ausente do contato e das múltiplas camadas que envolvem a narrativa do

exílio. Neste sentido, antes das entrevistas reconheço que existia uma visão pré-concebida sobre o ser exilado cubano, construída também pelo senso comum. O diálogo possibilitou não uma experiência de rompimento ou confirmação dessa visão, mas uma reconfiguração que partiu da escuta, do ver e do dialogar sobre.

Essa alteração é frequente na investigação em ciências humanas e na história. A muito sabe-se que o(a) historiador(a) não deve defender uma tese que já tenha pronta recorrendo, inclusive, a uma visão dura e direcionada sobre fontes, métodos, sujeitos e objetos. O perfil crítico e de abertura ao inesperado é, em si, um trunfo e uma potencialidade da própria investigação. No entanto assumir isso por vezes não significa abrir-se para reconhecer naquele que elabora sua narrativa de memória outras camadas que lhe afetam e mudam o seu sentido e visão.

Podemos pensar, por exemplo, em um exemplo prático envolvendo a própria pesquisa desenvolvida: compreender academicamente a experiência do exílio cubano a partir das pesquisas acadêmicas vigentes difere da experiência de, a partir dessa compreensão, dialogar e ouvir sobre as memórias do exílio evocadas por um exilado. Neste sentido, a entrevista constitui uma experiência que altera profundamente a forma como o próprio pesquisador elabora seus sentidos e interpretações posteriormente. Compreender a forma como, por exemplo, o tom da voz ou a articulação de uma fala oralizada sobre o museu da comunidade latina se articulam em uma entrevista permite compreender sentimentos manifestos justamente no diálogo que alteram profundamente o modo como aquela narrativa de experiência é significada. Ouvir a fala sobre o exílio implica também em lembrar a forma como as intenções políticas se articulam em cada memória, em cada intenção, provocando estranhamentos, discordâncias e/ou evocando diferentes elementos.

Como afirma Rovai (2021, p. 51), pensar o impacto da experiência e a prática da História Oral como essa experiência significa perceber que

A história oral nos permite alargar e explicitar os lugares sociais e identitários de fala, sem que isso implique em reificá-los como inquestionáveis ou exclusivamente legítimos, o que decorreria em novos silenciamentos. Esse conjunto de procedimentos deve carregar a potencialidade de ampliar o direito de dizer, em consenso ou dissenso, em prazer ou tensão, todos esses elementos que perpassam a criação de uma fonte histórica (e com isso já é importante em si mesmo), mas que podem ultrapassá-la por ações negociadas que, na trajetória da pesquisa (e no antes e no depois) afetem as vidas e comunidades de onde se diz e as de quem se dispõe a escutá-las. Trata-se de uma ética dialógica que não reproduza a violência colonial de “falar em nome de”, “falar sobre”, mas que tem a potencialidade de transmutar em “interagir e negociar com”, promovendo uma tradução que abarque múltiplas palavras, performances e existências.

A “ética dialógica” citada acima possui ainda uma outra camada que envolve o para além do ouvir e da própria “criação” fruto do diálogo, como destaca Rovai (2021). Seu compromisso estende-se também a forma como pensamos e articulamos essas falas na interpretação posterior e na renovação de nosso prisma pelo qual olhamos nossos temas de pesquisa. A partir do momento em que ouvi e dialoguei com Aida Levitan e Emilio Estefan pude compreender melhor certos usos da narrativa do exílio expressos não somente na narrativa, mas na forma como ela era elaborada a partir de nossa experiência e das intenções para a qual moviam. Se nosso encontro foi motivado por uma pesquisa que buscava analisar Gloria Estefan e sua construção como símbolo da comunidade cubana no exílio, suas falas e narrativas passaram a articular essas intenções, trazendo nas entrelinhas do dito, nas limitações do falado e nos ecos dos não ditos, projeções importantes sobre a própria comunidade cubana exilada.

A partir dessa experiência construída, pensar a presença dessas figuras na pesquisa, sujeitos frequentemente presentes na vida de Gloria, passou a ser ressignificada, mas o modo como passei a olhar e ouvir a comunidade exilada cubana também se alterou. Não do ponto de vista de uma ideia de empatia ou identificação, mas de uma melhor compreensão sobre o que determinadas estratégias significam. Como, por exemplo, eles pensavam em entrevistas como plataformas, mas também evocavam nestes momentos o dever do exílio, ou seja, essa ideia de alimentar a própria memória acerca dessa experiência. Entrevistas Aida e Emilio, nesses casos, provocou em ambos uma experiência que alterou tanto os rumos da pesquisa, como renovou naquele exato momento parte dos seus engajamentos e construções de si.

É central considerar então que a experiência de entrevistar implica em mais do que apenas o narrar a experiência. Ela provoca mudanças no olhar e no perceber, que por sua vez colocam no centro de reflexão as formas como analisamos, percebemos e pensamos nossos próprios temas de pesquisa e investigação. Para além disso, como explorado anteriormente em Moreira (2024), essa experiência também influencia diretamente o modo como elaboramos as narrativas que dão sentido e comunicam nossas pesquisas, ao passo que inclusive é nesse ato de escrita que inclusive construímos as próprias interpretações e teses (Jablonka). A experiência em história oral então envolve algo além só da experiência de entrevistar, mas do se atentar para como ela altera a forma como narramos e significamos as próprias experiências narradas.

Considerações finais

A experiência na prática da História Oral configura-se como termo plural e enquanto um imperativo constante do(a) pesquisador(a) que se abre para uma escuta sensível (Rovai, 2021). Ouvir a experiência é também construir uma nova experiência. Somos afetados pelos encontros com o outro, o que inclusive por vezes nos leva a reafirmar nossas identidades (Ricoeur, 2014) de pesquisadores, mas por vezes nos coloca em contextos particulares de reflexão imersiva sobre como incorporar tantas camadas na narrativa. Com frequência, em cursos de história oral, questões sobre transcrição e transcrição aparecerem nos momentos de perguntas e/ou de debates sobre o método, mas raramente pensasse como incorporar outras camadas ao texto.

Como incluir, de forma a reconhecer aquela experiência como válida, os sorrisos ou as lágrimas? No caso do exilados cubanos, como elaborar uma representação sobre o anticastrismo e a oposição a Revolução que se manifesta não somente no falar sobre, mas no modo de narrar as experiências - por vezes com rancor, com decepção ou com senso de “justiça” que ainda virá, como no caso de Aida Levitan e Emilio Estefan? Ouvir de um exilado cubano, por exemplo, sobre suas iniciativas entorno da memória anticastrista e da construção de uma comunidade no exílio pautada em um dever do exílio é também perceber a forma como olhos expressão sentimentos políticos, como a postura do colocar-se mais a frente ao fala indica que estão querendo soar mais assertivos, como a resposta breve, por vezes, esconde certos pensamentos que não se deseja expressar.

Essas problemáticas não são novas. A importância do ouvir e perceber as múltiplas camadas da entrevista a partir da performance narrativa já foi explorada anteriormente e segue como uma questão latente (Moreira, 2024a). No entanto, chamo a atenção para um outro ponto, que aproxima a discussão justamente da ideia de texto-pesquisa de Jablonka (2021): o lugar do pesquisador nesse processo precisa ser retomado. Assumir que a experiência da prática de História Oral é também parte do fazer e da arte da escuta implica, neste sentido, em reafirmarmos que somos impactados por nossas entrevistas e que a reflexão sobre essa camada se torna uma força epistêmica.

Trata-se de retomar o eu-pesquisador para a análise e para a própria construção do texto (Moreira, 2024a), assumindo que a forma como percebemos e as angústias e sentimentos despertados na entrevistas também são parte da própria entrevista em História Oral. Perceber como a experiência nos afeta significa, nessa proposição, incorporá-la ao texto enquanto um potencial narrativo, mas também analítico, reconhecendo nossas próprias subjetividades e impressões. Nesta operação, talvez, não somente a dialogia, mas a relação entre-vistas citada

por Portelli (2016) seja potencializada para além do reconhecer o outro, incorporando também o nós da experiência (Larossa, 2022) na própria reflexão epistêmica e narrativa.

Referências

- Arfuch, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- Bustamante, Michael. **Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile**. Chapel Hill: University of North Caroline Press, 2021.
- Eakin, Paul John. **Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- Jablonka, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea: manifesto pelas ciências sociais**. Brasília, DF: Editora UnB, 2021.
- _____. **O terceiro continente ou a literatura do real**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2024.
- Koselleck, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.
- Larrosa, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- Moreira, Igor Lemos. Escrever biografias em diálogo com sujeitos vivos: Notas sobre impactos da História Oral e da História Pública na narrativa historiográfica. **Outros Tempos (Online)**, v. 21, p. 31-58, 2024a.
- _____. Exílio, Cubanidades inventadas e anticastrismo em Gloria Estefan: apontamentos sobre o álbum Mi Tierra. **Contrapulso - Revista latinoamericana de estudios en música popular (Chile)**, v. 06, p. 07-22, 2024b.
- Mudrovcic, M. I. Políticas do tempo, políticas da história: quem são meus contemporâneos? **Rethinking History**, v. 23, n. 4, p. 456-473, 2019.
- Portelli, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- Porto, Carla Lisboa. Sobre metodologia e a escuta como lugar sensível. In: Rovai, Marta Gouveia de Oliveira; Santhiago, Ricardo. (Org.). **História Oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa**. Teresina, Piauí: Cancioneiro, 2021, p. 21-46.
- Ricoeur, Paul. **O si-mesmo como outro**. Campinas: Papirus, 2014.
- Rojas, Rafael. **Tumbas Sin Sosiego: Revolucion, Disidencia y Exilio del Intelectual Cubano**. Barcelona: Anagrama, 2006.

Roniger, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. Quadrat, Samantha Viz (Org.). **Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

Rovai, Marta Gouvea de Oliveira. Nunca foi sobre dar voz: a prática de história oral com grupos subalternizados. In: Paulilo, André Luiz; Hadler, Maria Silvia Duarte. (Org.). **História, injúria e difamação: estudos sobre a infâmia e a dignidade**. Campinas: CMU Publicações, 2024, v. 1, p. 23-52.

_____. História oral como desoutridade: uma reflexão a partir do encontro com mulheres transexuais e travestis. In: _____.; Santhiago, Ricardo (Orgs.). **História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa**. Teresina: Cancioneiro, 2021, p. 47-65.

Santhiago, Ricardo; Hermeto, Miriam. Introdução. In: Santhiago, Ricardo; Hermeto, Miriam (org.). **Entrevistas Imprevistas: surpresa e criatividade em história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2022. p. 19-27.

Said, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Sarlo, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Sontag, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Torres, María de Los Angeles. **In the land of mirrors: Cuban exile politics in the United States**. Ann Harbor: University of Michigan Press, 2001.

Yankelevich, Pablo. Estudar o exílio. In: Quadrat, Samantha Viz (Org.). **Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.